

# O MOSAICO DA FAMÍLIA ATUAL: ESPELHO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA\*

*Edilaine Helena Scabello*<sup>1</sup>  
*Maria Alves de Toledo Bruns*<sup>2</sup>

**Resumo:** Esse artigo objetiva abordar as mudanças sócio-culturais ocorridas nas últimas décadas do século XX em nossa sociedade e suas ressonâncias no *ethos* das relações de gênero e na redefinição dos novos arranjos familiares, demarcados pelos casamentos, descasamentos, casamentos sucessivos, parcerias homossexuais entre outros modos de vivenciar as relações afetivo-sexuais. Tais relações são reconstruídas a partir dos modelos tradicionais de gênero, valores, normas sociais e sexuais. Desse modo, a família contemporânea espelha seu mosaico infinito de possibilidades.

**Palavras-chave:** Família; Conjugalidade; Relações de gênero; Hipermodernidade.

**Abstract:** The aim of this article is to approach socio-cultural changes that occurred in our society in the last decades of the 20<sup>th</sup> century and their resonance in the *ethos* of gender relations, in the redefinition of new familial arrangements, delimited by marriage, demarriage, continuous marriage,

---

\* Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada: "Desvelando a dor amorosa da infidelidade conjugal: discursos de homens e mulheres", em fase final de análise de dados, desenvolvida por Edilaine Helena Scabello, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP. Psicóloga formada pela FCL - UNESP - Assis-SP. Docente do ITES - Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior "Dr. Aristides de Carvalho Schlobach" - Taquaritinga-SP. Membro do Grupo de Pesquisa Sexualidadevida - ehelena@usp.br

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia Educacional pela UNICAMP. Especialista em Sexualidade Humana, Psicanalista. Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Sexualidadevida - toledobrun@uol.com.br

homosexual partnership among other forms of sexual affective relations. Such relations are rebuilt from traditional models of gender and social and sexual norms. Therefore, the contemporary family mirrors its infinite mosaic of possibilities.

**Keywords:** Family; Conjuality; Gender relations; Hipermodernity.

No atual cenário sócio-cultural, um processo de acelerada transformação social impulsionado principalmente por avanços tecnológicos vem ampliando as fronteiras culturais entre as nações, exaltando a individualidade e o hiperconsumismo, bem como redefinindo as práticas afetivo-sexuais e acentuando o sentimento de insegurança.

No âmbito familiar, a extraordinária rapidez de mudança e de maleabilidade nas relações evidencia formas alternativas de conjugabilidade. Vivemos a transgressão de regras e a ruptura de modelos solidificados. Não há uma representação social definida e homogênea acerca do familiar e do conjugal, tampouco acerca das concepções do feminino e do masculino que se inscrevem de maneira difusa, diversa, múltipla e efêmera na contemporaneidade.

Na perspectiva de Hall (1992/2002), o homem atual vive uma “crise de identidade” cuja origem está no processo de mudanças pertinentes que têm ocorrido nas estruturas econômicas sócio-culturais das sociedades modernas, que deslocam as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade das identidades bem definidas de outrora para uma identidade “móvel” do sujeito atual, em contínua formação e transformação.

Desse modo, o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em identidades culturais, tornou-se provisório, variável e problemático, resultando em identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragilizadas e desencadeando assim, mudanças significativas na estrutura familiar, bem como na expressão das emoções e nos papéis de gêneros a serem desempenhados.

Para Hall (1992/2002), o “deslocamento do sujeito moderno”, pelo descentramento das identidades culturais e nacionais, seria resultante do impacto de cinco grandes rupturas ou mudanças conceituais nos discursos do conhecimento moderno, ocorridas no pensamento na segunda metade do século XX.

Tais rupturas se referem às tradições do pensamento marxista, que deslocaram qualquer noção de agência individual, à descoberta do inconsciente por Sigmund Freud, que deslocou o conceito de sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa, unificada e estável, ao trabalho do linguísta estrutural Fernand de Saussure, que afirmou a instabilidade da identidade e a da linguagem expressa pelo sistema social e não individual que nos precede, ao trabalho do filósofo e historiador Michel Foucault, que com o caráter dos regimes disciplinares acabou por individualizar ainda mais o sujeito e a submeter mais intensamente o corpo e ao impacto do feminismo, tanto como crítica teórica, quanto como movimento social.

É importante enfatizar o lugar que o movimento feminista teve em relação ao “descentramento” conceitual do “sujeito cartesiano” e “sociológico”, pois ao questionar a clássica distinção entre o “privado” e “público” politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação de novos lugares para a mulher. Nas brechas da contestação política, esse movimento juntamente com os movimentos revolucionários do “Terceiro Mundo” e o movimento mundial pela paz abriram arenas inteiramente novas na vida social, cujas conseqüências foram e são até hoje ressentidas na constituição da família, no exercício da sexualidade, na divisão do trabalho doméstico, bem como no lugar da criança e do adolescente.

Corroborando com essa visão, Lipovetsky (2004) enfatiza o avanço grotesco da globalização e das novas tecnologias de comunicação que culminam com o consumo exagerado que vem ocorrendo desde os anos 80.

Ainda na visão deste autor, a moda e o consumismo contribuíram para a ampliação da esfera da autonomia subjetiva e das diferenças individuais, para o esvaziamento dos princípios sociais reguladores, bem como para a dissolução da unidade de opiniões e dos modos de vida, sendo que, através do mundo “midiático”, fomos seduzidos pela imagem e pela efemeridade do espetáculo, além do entretenimento. Neste contexto, assistimos à valorização do novo, à desqualificação do passado, à afirmação do individual sobre o coletivo, em virtude da subjetivação do gosto, da primazia do efêmero e da economia da liberdade individual. A ênfase é dada ao tempo presente, no qual a percepção de tempo e espaço redimensionou nosso modo de ser. O modelo da família patriarcal foi enfraquecido, e com isto, o lugar do homem no contexto familiar foi redesenhado.

Para Lipovetsky (2004), o momento atual, a hiper-modernidade, se expressa pelo constante paradoxo entre a cultura do “excesso” e da “ausência”, na

qual coexistem autonomia e dependência, bulimia e autocontrole, individualismo e desagregação das estruturas tradicionais de normatização, empenho prometício e falta de vontade, responsabilidade e desregramento, e gozo e angústia. Dessa perspectiva, o indivíduo contemporâneo, ao mesmo tempo em que se tornou mais autônomo e mais livre, é mais instável e mais frágil, na medida em que suas obrigações e exigências tornam-se mais amplas. De acordo com este autor, o sujeito atual transformou-se em um narciso inseguro, ansioso, exibicionista e auto centrado, capaz de buscar prazer a qualquer custo. Ao mesmo tempo em que vivencia uma espécie de “esvaziamento das relações inter-humanas”, a depressão, a solidão, o estresse, o auto-abandono, por não conseguir atender aos apelos da sociedade do espetáculo, sente-se desestruturado e só. Desalojado de suas referências de estabilidade e segurança, clama por afeto e pelo sentimento de pertencimento.

Constatamos assim, que os fenômenos da globalização e a informatização contribuíram para efetivarem o paradigma do risco e da incerteza que caracterizam a sociedade atual afetando, desse modo, as relações familiares, de gênero e de conjugalidade, dentre outras.

Na perspectiva de Vaitsman (1994), o processo de transformação das identidades masculinas e femininas, bem como as relações de família e casamento, foram afetadas pela industrialização e pela urbanização, que demarcou a redefinição na rede de relações de gêneros. É importante dizer que a flexibilização dos papéis de gêneros na visão de Costa (1998) e Giddens (1993) abalou a estrutura idealizada da união conjugal de outrora, cedendo espaço às parcerias, aos descasamentos e casamentos sucessivos entre outras modalidades de união.

Para Costa (1998), ao se deslocar para o centro imaginário do ideal de felicidade pessoal, o “amor romântico” deixou de ser um meio de acesso à felicidade e tornou-se um atributo essencial, uma prerrogativa, um fim em si mesmo. Fundamentado pela perspectiva de idealizações e expectativas de amor recíproco e eterno o casamento foi abalado em seus alicerces. O desencanto das expectativas não alcançadas, os conflitos vividos no decorrer da vida conjugal, desencadeou desgastes emocionais e conflitos e ao mesmo tempo criou novas possibilidades de alternativas de relacionamentos e realização pessoal.

Giddens (1993) aponta uma destas possibilidades de relacionamento: o “amor confluyente”, que se constitui pela igualdade de trocas afetivas e sexuais

no envolvimento amoroso e introduz a *ars erótica* no centro da relação amorosa, transformando a reciprocidade do prazer sexual em elemento chave para a continuidade do relacionamento. O “amor confluyente” é visto em desencontro com os ideais do amor romântico, que apregoa uma relação sem conflitos, e de felicidade eterna. Nessa perspectiva, a sexualidade é expressa de uma maneira plástica e criativa, uma vez que é enfatizada a *ars erótica* na relação do casal. Torres (2000), ao entrevistar homens e mulheres casados, de diferentes classes sociais no cenário português, constatou que os ideais do amor romântico estavam presentes como um sonho a ser concretizado. Na visão desse autor a igualdade entre os gêneros não é reconhecida. Aponta para a imergência de modelo alternativo, denominado “amor construção”. Este modelo implica na descoberta de sentimentos e aspectos novos na relação após o casamento, isto é, com o decorrer do tempo, a desidealização do parceiro vai cedendo espaço para a construção de uma relação estável alicerçada na possibilidade de paridade entre homem e mulher, desde que reconhecendo as assimetrias existentes entre os gêneros. Continuando a nossa trajetória de compreensão das mudanças na estrutura familiar, Salém (1989) nos mostra a visão de um “casal igualitário”, que valoriza o companheirismo, busca a completude, estimula o investimento individual de cada parceiro e centraliza a díade em relação às famílias de origem. A reciprocidade e a dependência afetiva do “casal igualitário” são marcadas pela interdependência e complementaridade simétrica de modo que, masculino e feminino podem experimentar o lugar e a identidade um do outro. Todavia, a autora reconhece que está na tentativa de conjugar “dois em um” na relação e de conciliar os projetos individuais com os familiares o grande impasse do casal: a expressão da difícil convivência entre dois indivíduos concebidos como singulares e a existência do dual e/ou familiar.

Corroborando com essas novas redefinições da família, os autores a seguir expõem várias possibilidades de relações conjugais. Vaitsman (1985) cunhou o termo “coabitação separada”, referindo-se àqueles casais que em nome da preservação de um espaço próprio, da liberdade e da autonomia pessoal de cada parceiro optam por morarem em casas separadas. Moraes (1985) referiu-se àqueles indivíduos, que alegando maior autonomia, privacidade e liberdade, optam por morarem sozinhos como “*singles*”. Heilborn (1980) cunhou o termo “casal emancipado”, referindo-se àqueles que constroem seus projetos de relacionamento aberto, sobretudo na esfera sexual e proclamam a prevalência do indivíduo sobre a díade. Bauman (2004) denominou de “amor líquido” aquelas relações em que à presença

da fugacidade e da flexibilidade dos laços afetivos resulta em um curto tempo de duração.

Diante dessa flexibilização e pluralização de formas de se relacionar que afetam a expressão das subjetividades dos gêneros, é possível apontar que há vários tipos de família, algumas sendo aceitas, outras apenas toleradas, como são as famílias de gays e lésbicas. No entanto, em geral é possível identificar nesses novos modelos de família, a coexistência de valores oriundos da família tradicional e os da contemporaneidade. Desse modo, a família atual é redesenhada pelos casamentos, descasamentos e casamentos sucessivos, não somente entre casais jovens, mas também entre os mais velhos. Temos assim, famílias ampliadas, famílias monoparentais, além dos altos índices de uniões informais, parcerias homossexuais, casais sem filhos, filhos adotados, filhos de uniões anteriores, filhos gerados a partir de inseminação artificial, namoros cada vez mais longos e, paradoxalmente relações relâmpagos, e relações virtuais.

Diante dessa realidade apontada pelos autores consultados, é possível identificar um mosaico de famílias, que espelham as mudanças de paradigmas originadas pelo “deslocamento do sujeito moderno”, oriundas das rupturas conceituais dos discursos acerca do conhecimento e das mudanças e articulações ocorridas entre as instâncias econômicas, políticas, religiosas, científicas e educacionais, ocorridas nos últimos anos.

Retomando Lipovetsky (2004), a sociedade mais flexível e mais comunicativa de hoje é marcada pelo frívolo, pelo supérfluo e pela inconstância das opiniões e das mobilizações sociais. A ênfase é dada à individualidade. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que promove maior liberdade de escolha para o indivíduo, seja no âmbito familiar, profissional, ou pessoal, e incentiva democratização entre os gêneros, propicia a superficialidade e um sentimento de esvaziamento de afeto e de segurança nas relações afetivo-sexuais e favorece ainda o isolamento, a solidão e também a depressão.

Constatamos que esse mosaico de famílias é construído no decorrer dos anos, pelo desfazer de projetos, de fantasias, idealizações e de infinitas expectativas elaboradas a partir das ressonâncias do modelo da família nuclear ou hierárquica, que enfatizava a continuidade, e a estabilidade da relação familiar. Assim, não sem dor e sofrimento, o *ethos* das alianças e segredos familiares espelham a construção dos paradoxos ocorridos nas instâncias econômicas sócio-culturais, ao mesmo tempo que essas instâncias espelham as possibilidades infinitas de reconstrução do mosaico familiar.

## Referências bibliográficas

- BAUMAN, Z. *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. (Tradução de Carlos Alberto Medeiros.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- COSTA, J. F. *Sem fraude nem favor. Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. (Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro) 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (Trabalho original publicado em 1992).
- HEILBORN, M. L. *Compromisso de modernidade: casal, vanguarda e individualismo*. Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, Datilo, 1980.
- LIPOVETSKY, G. *Os tempos hiper-modernos*. (Tradução de Mário Vilela) São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MORAES, D. P. A opção de ser solteiro. Em: *Jornal do Brasil*, Caderno Especial. Rio de Janeiro, 1985.
- SALÉM, T. O casal igualitário. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro. 9, (3), 24-37, 1989.
- TORRES, A. A individualização no feminino, o casamento e o amor. Em: PEIXOTO, C.; SINGLY, F. de e CICHELLI, V. (Orgs.), *Família e individualização*. (pp. 135-154). Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.
- VAITSMAN, J. Casal, sim, mas cada um na sua casa. *Jornal do Brasil*, Caderno Especial, Rio de Janeiro, 1985.
- VAITSMAN, J. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.